ALGUNS PROBLEMAS DA JUVENTUDE DA ÁFRICA

ELSPETH HUXLEY

Dos fenômenos políticos de nossa época poucos tão ricos de sugestão e interesse como o das jovens nações africanas. Não é tranqüilo, entretanto, nem o poderia ser, esse esforço de afirmação de um Continente, ansioso por impor sua autenticidade em face do mundo. Resíduos de culturas primitivas acionados, em alguns casos, pelo impacto do domínio colonial europeu, favorecem choques e desajustamentos; lideranças audaciosas procuram firmar-se sobre povos imaturos e de rumos políticos ainda incertos; grandes potências tentam fazer da África uma presa fácil, em suas incursões ostensivas ou veladas em busca de hegemonia política. Tudo isso está refletido na análise objetiva e com certo sabor de reportagem em que ELSPETH HUXLEY examina, neste artigo, os problemas e as inquietações do complexo mundo africano.

AS máscaras foram feitas com a intenção de atemorizar o povo e fazer com que ele mantivesse temor respeitoso diante de relicários e ídolos. Por baixo disso perduram os lineamentos dos homens comuns. O movimento anticolonialista que está expulsando os homens brancos como governantes pode, suponho, ser encarado como uma enorme máscara. Certamente ela assusta muita gente e foi, em certa época (embora não sempre), feia e cruel. Por trás dela está a face de uma revolução ainda mais profunda e de maior alcance do que aquela que, em poucos anos, sumariamente pôs fim à breve tentativa de cinco nações européias de gover-

nar, e converter a seus próprios estilos, a maioria dos povos indígenas da África.

O domínio colonial foi curto e impetuoso e desfez em pedaços a antiga estrutura da vida tribal. Acreditavam os colonialistas europeus serem os estilos da África atrasados, selvagens e pagãos, e que deviam ser substituídos o mais breve possível por estilos dos homens "civilizados". Não estou dizendo que estavam certos; simplesmente, que foi esta a opinião ocidental. É ocioso desenvolver êsse ponto. Uma vez que a África sentiu o impacto das crenças e técnicas ocidentais, nada pôde salvar a principal estrutura do tribalismo; tal como os homens primitivos não puderam continuar usando instrumentos de pedra e bronze assim que descobriram a maneira de fundir o ferro.

Agora os africanos dos Estados livres se defrontam com a tarefa gigantesca de reconstruir sua sociedade despedaçada desde os seus alicerces. Até há poucos anos, em sua maioria o povo achava que essas novas sociedades seriam reconstruídas, falando em termos amplos, segundo um modelo europeu. Agora, parece que não é êste o caso. Os europeus não terão voz direta na formulação das instituições da nova África, que parecerá muito diferente do que a maioria dêles esperava. Estamos começando a ver os lineamentos que jazem por trás da máscara. Apresentam as características de uma grande revolução social que visa, a exemplo de tôdas as revoluções, à derrubada de uma ordem existente e sua substituição por uma ordem nova.

Os que governaram a África durante séculos, talvez milênios, eram gente mais velha. Chefes de famílias, homens com filhos circuncidados, que impunham respeito, desfrutavam privilégio e exerciam a autoridade. Se jovens reis ou chefes assumiam o poder, eram normalmente aconselhados e manipulados pelos mais velhos. Do mesmo modo que no Império Romano, os adivinhos e feiticeiros exerciam grandes poderes e êles, também, eram homens mais velhos.

A sociedade africana estratificava-se em tôda parte em grupos de idade. Cada grupo sabia o seu lugar. Os jovens eram guerreiros. Sua tarefa era proteger a tribo e alargar-lhe a riqueza e o prestígio pela captura de propriedade de outros. Era quase inconcebível que tivessem voz direta em assuntos

não militares. Seriam os últimos a pensar nisso. O amor e a guerra os mantinham ocupados. Para os mais velhos, festas, cerveja, debate e a administração da justiça. Para as mulheres, trabalho, obediência e sujeição. Nos assuntos públicos, elas normalmente não tinham voz. Porque tôdas as mulheres dirigem a casa e a família, tinham sua esfera, suas satisfações e suas prerrogativas e, à medida que envelheciam, o respeito da comunidade. Todavia, basicamente, eram bens móveis.

Uma ordem e uma hierarquia reconhecidas formavam o esqueleto por baixo da carne sadia da vida tribal. Nervos de respeito pela autoridade a mantinham unida. Hoje em dia, êsse respeito se foi e assim ela se desune. Armado não mais com uma lança, mas com um Certificado Escolar, uma pasta em seu braço e não um escudo, é o jovem e não o velho que é Ministro, Subsecretário Permanente, Comissário Regional, cujas decisões contam: êle é o chefe. De repente, o mais velho parece um velhote encolhido, aturdido, meio escrofuloso, os pés descalços, o casaco esfarrapado e cheio de pulgas. É verdade que a maioria dos líderes modernos são homens mais velhos — o Dr. BANDA e o Sr. KENYATTA são exemplos típicos. Mas êles antes são ocidentais do que tribaíistas; indivíduos que mantêm suas posições mais como chefes de partidos modernos que se fizeram por si mesmos do que como velhos que herdaram a autoridade por motivo de idade. Esta, pois, é a revolução social por trás da máscara: a derrubada da idade pela juventude, e da disciplina tribal pela ação individual.

Os jovens é que referão a África pós-revolucionária. Mas, êles não terão um terreno vazio — ninguém o tem. Devem transformar elementos do velho tribalismo em suas novas sociedades. Isto êles não apenas reconhecem como aplaudem; querem, e o querem apaixonadamente, que seu nôvo mundo seja *africano*, não uma cópia de algo europeu ou asiático. Se será individualista ou coletivista, baseado no capital ou no comunismo, é questão secundária. Não podem escapar a influências, ideologias e modelos exteriores, mas, êstes, podem adaptar, modificar e digerir. Traçando um caminho um tanto errático entre todos êsses obstáculos, êles

voltaram seus rostos para o ensolarado planalto firmemente rotulado como "socialismo africano".

O rótulo é mais claro do que o objetivo. O socialismo africano é um termo vago que significa coisas diferentes para pessoas diferentes. Seu âmago talvez seja sua derivação da tradição africana, mais especialmente do sistema familiar que escora o tribalismo. Sobre isso escreveu o Dr. DE GRAFT JOHNSON, da Universidade de Gana (citado em *African Socialism*, por Fenner Brockway, The Bodley Head, 1963):

"O princípio do Estado como um pai, que é a base do tribalismo, é o que temos aqui em nossos clãs e tribos que são de fato *famílias ampliadas*. Em nossa sociedade, a riqueza coletada da família ampliada é utilizada para o bem-estar da família como um todo. (...) Seu modelo básico, quando ampliada para abarcar o Estado, é virtualmente o que é expresso pelo socialismo".

Isso foi endossado pelo Presidente NYERERE. O socialismo africano, escreveu êle (*The Basis of African Socialism*, por Julius Nyerere, Tanganyika Standard):

"(...) não parte da existência de classes conflitantes — começa como uma sociedade familiar. Seu objetivo é a família ampliada (...) enraizada no passado que nos produziu".

O ponto do socialismo africano, portanto, não é o socialismo, mas o fato de que êle é africano: um florescimento de tradição, uma expressão da personalidade africana. Indígena, não exótico: algo que a África tem incumbado e pode, na verdade, dar ao mundo; uma negação de colonialismo. É algo que pode mesmo habilitar a África a escapar a êsses aspectos de colonialismo — o suprimento de capital, conhecimentos técnicos e formas políticas exteriores. As diferenças entre o socialismo africano e europeu parecem-me consideráveis. Ao estabelecer o primeiro, os novos líderes estão no processo de lançar ao mar quase tôdas as instituições básicas do segundo. O sistema parlamentar, oposições, liberdade de palavras, eleições livres, o voto secreto; contrato coletivo, sindicatos livres, o direito de greve; mesmo a independência do Judiciário — tudo isso desapareceu ou se acha ameaçado.

E, naturalmente, se afastam da liberdade, mas podem oferecer ao Ocidente êste consôlo: aquêles que perseguem o socialismo africano, porque êle é africano, ao mesmo tempo repudiam o leninismo-marxista porque êle não é. Os escritores políticos africanos asseveraram isto explicitamente. O leninismo-marxista criou raízes, afirmam, sob condições que simplesmente não se aplicam na África, porque a África jamais foi estratificada em classes hostis com base na função econômica — trabalhadores, burgueses, capitalistas, ou latifundiários e servos. O Sr. LÉOPOLD SENGHOR escreveu:

“Ditadura do proletariado? É uma fórmula para fazer barulho!... Em nossa sociedade negro-bérbere não há guerra de classes, mas simplesmente grupos sociais lutando pelo poder para influenciar”.

Não há luta de classes, não há marxismo. Pelo menos, essa é a teoria. Se certa, será o ideal do socialismo africano, e não as virtudes de uma sociedade livre, as blandícias dos capitalistas ocidentais ou mesmo o fulgor do ouro ocidental, que terão afastado essas novas sociedades do campo comunista. Mas a complacência é sempre perigosa e quase sempre cega. Uma forma de marxismo já funciona na Guiné, ganha terreno na Argélia, Mali e, agora, Zanzibar, e toma forma em Gana: em cinco de 34 Estados recentemente independentes. Não é um mau princípio. Foi somente nos últimos quatro ou cinco anos que os marxistas montaram um sério esforço de propaganda nesse perplexo Continente.

A competição para os favores dessas 34 nações africanas independentes é aberta, viva e um pouco parecida a um leilão holandês. A Rússia adianta milhões para a Repreza de Assuan e envia técnicos; o eixo Estados Unidos-Europa dá outro lance na do Volta. Com grandes trombeteamentos, Pequim dá a Zanzibar 185 mil libras; a Grã-Bretanha, sem trombeteamentos, dá mais de um milhão de libras para equilibrar o orçamento. (Não há dúvida quanto ao lado que dispõe de melhores trombeteiros). E assim vai: mais perigosamente, no campo das armas. As fôrças etíopes, treinadas e equipadas principalmente pelos Estados Unidos, enfrentam as somalis, para as quais começam a fluir armas russas.

Há dois anos escrevi em *Optima* que a entrada da China comunista na África poderia um dia representar uma ameaça maior para o Ocidente do que a incursão da Rússia. Isto, admiti, era por causa da maior dedicação da China, e, portanto, de empenho missionário, ao comunismo como uma doutrina; das tendências na Rússia impelindo-a para o "ter" e afastando-a do "não ter"; do sentimento de frustração e de urgência dos líderes chineses; da disponibilidade de vidas humanas numa nação cuja população caminha para um bilhão; e do fato de que os chineses são elementos de côr e os russos, em sua maioria, são brancos.

Não importando que essa previsão seja ou não confirmada, é claro que, apesar do ardente desejo africano de não-alinhamento, não apenas a guerra fria entre o Leste e o Oeste mas a luta sino-soviética se propagou pela África. Os russos chegaram primeiro. A decisão de os expulsar talvez seja a mais forte fôrça motora dos chineses.

Nos últimos três anos, a Rádio de Pequim aumentou seus programas dirigidos para a África, principalmente em swahili e inglês, de três horas e meia para sessenta horas e meia por semana. A Argélia teve um empréstimo sem juros, e créditos, não ainda sacados, no valor aproximado de 7 milhões de libras. A Guiné obteve 5 toneladas de arroz, créditos e peritos em rizicultura; Gana, uma fábrica de fósforos e mais créditos; a Somália, auxílios orçamentários. Cerca de um milhão de libras foram oferecidas a LUMUMBA antes de sua queda em setembro de 1960. Tudo isso é relativamente pouco. A contribuição da China para o auxílio total à África, proveniente de todos os países comunistas, atinge apenas 10 %, quase o mesmo quanto a da Tcheco-Eslováquia. A Argélia, a Guiné e, mais recentemente, a Somália, foram os principais beneficiados.

O ponto alto da campanha propagandística da China até o presente foi a viagem no último inverno empreendida por CHOU EN-LAI e o Marechal CHEN YI, com 50 acompanhantes, à República Árabe Unida, Argélia, Marrocos, Tunísia, Gana, Guiné, Mali, Sudão, Etiópia e Somália. Por outro lado, afora pactos comerciais, exposições itinerantes, visitas de peritos e uma bem fraca Conferência de Solidariedade Afro-Asiática realizada em Moshi no ano passado, as

atividades chinesas em sua maior parte se têm limitado à instalação de embaixadas e escritórios da Agência de Notícias Nova China, ao estabelecimento de contatos e fornecimento de dinheiro, e às vezes impressoras tipográficas a amigos selecionados, entre os quais o Sr. OGINGA ODINGA, do Quênia, e o Sr. ABDUL RAHMAN BABU, de Zanzibar, foram mencionados. A impetuosa líder feminina de Tanganica, BIBI TITI MOHAMMED, recebeu 30 máquinas de costura.

Pequim agora tem acôrdos que abrangem comércio, pagamentos ou cooperação técnica com a República Árabe Unida, Argélia, Marrocos, Mali, Gana, Guiné, Nigéria (sòmente científico), Sudão, Somália, Tanganica e Zanzibar. O numeroso pessoal das embaixadas em países em que a China possui poucos nacionais e pequenos comércio causou preocupação, e a maioria dos países da Comunidade Britânica dizem que agora não aceitarão mais de dez diplomatas acreditados em cada embaixada. Quando indaguei de uma autoridade a maneira pela qual tantos diplomatas dessas numerosas embaixadas ocupavam seu tempo, ela respondeu: "Comprando gente". É mais fácil fazer a compra do que fazê-la durar. Foi no Congo que um cínico observou: "Não se pode comprar um político; pode-se apenas alugá-lo para a tarde".

Na opinião nacionalista, nada existe de culpa nisso. Se as nações estrangeiras para seus próprios fins — e ninguém mesmo pretende que todos êsses sejam altruísticos — desejam dar dinheiro, impressoras tipográficas, empréstimos e tudo o mais, a aceitação não obriga o beneficiado. Ninguém deixou isso implícito com mais clareza do que MADEIRA KEITA, o Ministro do Interior do Mali (que não deve ser confundido com MODIBO KEITA, o Presidente), ao escrever:

"Na luta entre o Leste e o Oeste, o Mali (...) comparará as atitudes e ações das outras nações e então será amistoso apenas para com os Estados que verdadeiramente o ajudam".

Em outras palavras, por suas ações a gente os conhecerá. A verdade é que nenhum líder africano julga seu país compromissado. As simpatias podem tender para um ou

outro lado, mas a simpatia não é compromisso. O envolvimento de Gana com a Rússia não a impede de chamar técnicos israelenses em navegação ou fazendas coletivas. Inversamente, não se poderia cometer maior erro por parte das nações ocidentais do que supor que as lealdades africanas podem ser compradas apenas com auxílio. Não podem. É preciso encarar o fato de que grande parte do esforço e do dinheiro do Ocidente, se considerado como um adocicador, será jogado fora.

Empréstimos, pactos, missões, "frentes" tais como a Associação de Jornalistas Afro-Asiáticos — tudo isso fica na superfície; por baixo, ambos os gigantes estão fazendo uma árdua pesca em águas revolucionárias. O líder da revolta contra o governo central na Província Kwilu do Congo, PIERE MULELE (antigo Ministro da Educação de LUMUMBA), foi treinado em métodos de luta de guerrilha na China e se preocupava com o estabelecimento de um governo no exílio contra ADOULA, em Brazzaville, com apoio comunista. Armas russas e tchecas destinadas a bandos de jovens saqueadores de MULELE foram interceptadas a caminho de Brazzaville. Zanzibar recebeu carregamentos de armas da Alemanha Oriental.

Campos onde lutadores pela liberdade são treinados em métodos modernos de guerrilhas para "libertar" Angola, Moçambique e Rodésia funcionam na Argélia, no Congo e, ultimamente, em Taganica. Já se disse que mais de um milhão de libertadores foram treinados na Argélia e que muitos milhares mais serão assim instruídos. Alguns foram para Cuba, onde se abriram agora a africanos e asiáticos campos organizados para preparar agentes para a "libertação" da América Latina, dirigidos pelo governo de CASTRO com instrutores russos, tchecos e, possivelmente, chineses.

Armas para lutadores pela liberdade treinados na África estão fluindo da Argélia, Rússia e Europa Oriental. A luz bruxuleante de vez em quando incide sobre tais carregamentos, mas um jato de luz recentemente iluminou um carregamento de armas para Zanzibar e, antes disso, um carregamento argelino foi descarregado em Dar-es-Salaam, onde o Comitê de Libertação da Organização da Unidade Africana, o chamado Comitê dos Nove, tem sua sede. Todo

o auxílio a "movimentos de libertação" é agora canalizado através desse comitê. Em Angola, êle deu todo o seu apoio à Frente de Libertação Nacional Angolana (FLNA) de ROBERTO HOLDEN. Em Dar-es-Salaam, o Comitê dos Nove, cujo presidente é o Sr. OSCAR KEMBONA, está criando o núcleo de um governo no exílio para Moçambique. Dar-es-Salaam tornou-se menos um pôrto para a paz, que é o significado de seu nome árabe, do que para refugiados políticos dos restantes países ainda governados por brancos.

Quanto aos acontecimentos em Zanzibar, a primeira impressão de um hábil conluio de Pequim foi agora desfeita. A derrubada do governo do Sultão em janeiro último parece ter sido o resultado de uma revolta não planejada pelos rústicos da ala juvenil sob a liderança de um jovem oportunista ugandense, JOHN OKELLO, que teve êxito apenas porque os homens do Sultão perderam a cabeça. ABDUL RAHMAN BABU emergiu ativamente, instalou como presidente e figura de proa o respeitável líder africano ABEID KARUME e êle próprio se tornou o Ministro de Relações Exteriores e governante de fato da ilha. Como correspondente da Agência de Notícias Nova China, antes lançou muitos ataques violentos contra as Potências Ocidentais e cumpriu pena por sedição. Seu Partido Umma, de aspecto comunista, foi banido. Uma vez instalado, seu governo revolucionário não perdeu tempo em confiscar, sem compensação, tôda a propriedade privada que imaginou, nacionalizando a terra e perseguindo os asiáticos burgueses.

É princípio revolucionário que poucos podem sobrepujar muitos, que o cupim que cava de dentro destrói a grande árvore. Um documento apreendido do exército chinês, datado de abril de 1961, sôbre a estratégia na África, afirmava:

"Se houvesse um ou dois entre os países independentes que realizasse uma verdadeira revolução nacional (. . .) uma onda revolucionária envolveria o Continente africano".

Nisso pode residir a importância de Zanzibar. A idéia de que os acontecimentos numa ilha indolente com menos de 300 mil habitantes poderiam repercutir em todo um Continente pode parecer, a outros, exagerada. Mas os re-

volucionários são, por sua natureza, otimistas, e há um ditado árabe que diz que as músicas tocadas em Zanzibar farão o povo dançar nos Grandes Lagos.

No momento em que escrevo, o resultado da dramática intervenção do Presidente NYERERE, e seu acôrdo com ABEID KARUME para unificar os dois países com a suposta intenção de manter Zanzibar não-alinhado, continuam incertos, e o futuro obscuro.

Intenção semelhante para garantir na África uma base geográfica pode estar por trás da promessa russa de fornecimento de armas à Somália, apoiada por um empréstimo de 10 milhões e 500 mil libras que derrota a oferta chinesa de créditos a longo prazo de 7 milhões de libras, mais um auxílio anual para o desfalcado orçamento da Somália. Aqui parece que a Rússia estaria fazendo um jôgo arriscado. Na disputa da Somália sôbre suas fronteiras com a Etiópia e o Quênia, as simpatias africanas vão principalmente para o lado da preservação do *status quo*. Essas simpatias estão sendo desafiadas pela Rússia, em troca de um acôrdo segundo o qual possam ser construídas bases aéreas russas, técnicos russos possam conquistar um apoio e Mogadishu possa tornar-se um ponto de entrada russo. Assim os gigantes comunistas travam suas batalhas no solo de uma África cujos povos anseiam, evidentemente em vão, por manter-se fora do barulho, embora aceitando auxílio. Mesmo no espaço não há como esquivar-se à guerra fria, muito menos na terra, que tem apenas cinco Continentes.

Além disso, há a disputa suprema pelos estudantes. A posição do mais humilde estudioso africano é extremamente invejável. É êle procurado, financiado, equipado, cortejado e lhe são oferecidas bôlsas de estudo em quase qualquer assunto em qualquer parte do mundo. Tão acirrada é a competição que, numa época em que a pressão em prol de lugares em centros de saber europeus é tal que milhares de jovens de ambos os sexos devem ser desapontados, instituições fundadas com grandes gastos em Kampala, Nairóbi e Dar-es-Salaam têm vagas não preenchidas.

Estudantes africanos na Rússia e vários países europeus orientais atingem provàvelmente o número de 5.000. Um aborrecido jovem ganense, JOHN HEVI, registrou em

seu livro (*An African Student in China*, por E. J. HEVI, Pall Mall Press, 1964) amarga desilusão com a vida em geral na República Popular da China, com o tratamento dispensado a estudantes estrangeiros e com a qualidade de seu ensino. JOHN HEVI era um estudante de medicina, e os padrões de ensino o chocaram; se a doutrina marxista se chocava com o moderno conhecimento científico, como, ao que parece, por vêzes ocorria, a doutrina marxista perdeu com facilidade. Segundo suas estatísticas, em 1961/62 118 estudantes africanos chegaram à China, principalmente da Somália, Cameruns e Zanzibar, nessa ordem, e 96 partiram desgostosos no fim do primeiro ano. "Os chineses" — observa HEVI — "nos trouxeram a seu país para um propósito definido: absorver sua doutrinação. Mas, longe de aceitá-la com benevolência, nós apenas ríamos dela".

Ouvimos falar sôbre fracassos, como ouvimos quando descontentes estudantes africanos fizeram manifestações na Praça Vermelha em Moscou. Os sucessos, porém, também devem existir. Uns retornam para se tornar comandantes da Ala da Juventude, secretários de sindicatos, oficiais do exército, jornalistas, funcionários de partido e outros manipuladores de opinião; os treinados como técnicos ocupam lugares em ferrovias, usinas de fôrça, aeroportos, cooperativas, planos de desenvolvimento e serviços públicos; e lecionam nas escolas.

O que os chineses querem é barulho, tão violento e sanguinolento quanto possível. As rebeliões em Kwilu, Angola, Cameruns estão de acôrdo com seu figurino. A revolução, na opinião dêles, não é uma necessidade desagradável, mas um bem positivo: um purgativo para o corpo doente, um fogo devorador, uma forja de que surgirão líderes experimentados e provados. "A revolução" — disse CHIOU EN-LAI aos argelinos — "é a locomotiva da história que derrubará tôdas as barreiras (...) o povo da África quer revolução".

Os chineses ajudam os africanos a tê-la. Apoiam movimentos revolucionários não importando — e êste é o ponto significativo — se êles ameaçam governos controlados por colonialistas brancos ou por nacionalistas prêtos. Qualquer regime que não seja comunista, ou de alinhamen-

to comunista, deve desaparecer, não importa a raça ou a cor de seus líderes. Um NYERERE, um KENYATTA, um ABUBAKAR TAFAWA BALEWA, um OBOTE, um SENGHOR, um HOUPHOUET-BOIGNY, um KUANDA ou um BANDA, são, na opinião de Pequim, tão indesejáveis quanto um WILENSKY, um FIELD ou mesmo VERWOERD — provavelmente ainda mais porque mais perigosos. O correspondente novaiorquino da revista *Revolution*, Sr. RICHARD TABER, ressaltou o perigo de que uma revolução pode estar "em sua fase final, abortada pela instalação de algum regime de compromisso, reformista" que se afastaria dos verdadeiros e extremados revolucionários. Quando tal regime "de compromissos, reformista" conquista o controle, então deve ser alijado. A arrastada revolta nos Cameruns, que os chineses ativamente apoiaram, visava à derrubada do Presidente AHIDJO e de um governo inteiramente africano.

Por contraste, a Rússia parece preparada, pelo menos no presente, para aceitar governos africanos não-comunistas sem tentar destruí-los. A tática russa é antes a de introduzir técnicos e conselheiros russos na economia, os quais gradativamente ampliarão a influência soviética e amaciarão o regime não-comunista.

A maior vantagem da Rússia na luta sino-soviética reside em sua riqueza e recursos superiores. Com estes ela pode, se fôr necessário, ceder à África as coisas de que a África necessita — equipamento, conhecimentos técnicos, técnicos, armas, tudo, desde estações de rádio e aviões a jato, de turbinas a computadores, de tratores a fertilizantes, de produtos químicos a aparelhos de televisão. Mas, quando Pequim fornece um empréstimo interessante, em que êle pode ser gasto? Há um limite para o número de técnicos em rizicultura que são necessários, mesmo para filmes, fábricas de fósforos e têxteis. A China tentou transformar sua fraqueza em força falando a respeito dos métodos "faça você mesmo", mais bem ajustados às condições africanas de que os planos grandiosos e custosos, e de uma parceria no enfrentar problemas comuns de industrializar economias rurais. Tudo isso é muito bom, porém onde estão os bulldozers? A verdade é que as economias chinesa e africana,

longe de serem complementares, são extremamente parecidas.

E assim, sem dispor de naipes de espada e de ouro, a China joga com naipes de paus e copas — “nós, gente de côr, devemos nos unir”, irmãos sob a pele. Mesmo essa jogada é vacilante. Em Zanzibar e em Dar-es-Salaam, foram contra os asiáticos, e não os europeus, que os africanos se voltaram.

Os líderes russos não parecem se ter perturbado com êsse desafio chinês. Em seu recente estudo sôbre *The USSR and Africa*, conclui o Sr. DAVID MORISON:

“A militância e polêmica chinesas, longe de induzir a qualquer extremismo competitivo da parte soviética, sômente resultaram no fato de os russos tomarem uma posição mais firme nos casos mais moderados em que foram desafiados pelos chineses. Por exemplo, insistem mais no potencial antiimperialista de governos “nacionais burgueses”, nas características progressistas do capitalismo estatal e na possibilidade de revolução pacífica”.

Os chineses sem dúvida considerariam a “revolução pacífica” como uma contradição de têrmos. Os tempos, com efeito, estão mudando. Mal se pôde piscar o ôlho quando, em março último, o Sr. KHRUSHCHEV fêz um veemente apêlo para se elevarem as recompensas pelo trabalho árduo, aumentar as diferenças salariais e “lutar contra o igualitarismo”. Pior para MARX.

Nada é mais notável do que a rapidez com que os revolucionários de ontem podem mudar suas posições. É difícil agora lembrar que JULIUS NYERERE foi outrora considerado por muitos europeus como um violento selvagem e perigoso. O Dr. BANDA e o Dr. KAUNDA se acham pelo menos a meio caminho da mesma apoteose. Quanto ao Sr. KENYATTA, condenado apenas há três anos como “um líder das trevas e da morte”, aprisionado como planejador do movimento “mau-mau” e por muitos europeus quase comparado ao demônio, agora se tornou a própria imagem de um anjo benigno, sábio e moderado, conduzindo seu povo para a tolerância e a luz. O ex-agitador AZIKWE é agora o respeitável Presidente da Nigéria.

Para êsses homens, e para outros no mesmo barco que êles agora comandam, a propaganda comunista pode ser tão desagradável quanto para seus predecessores brancos. São eles que se acham ameaçados pela grande revolução social a que me referi. Embora êles próprios sejam parte dessa revolução, a exemplo de todos êsses movimentos, ela é perigosa: pode virar e devorar seus próprios líderes. (O destino de ROBESPIERRE e outros revolucionários franceses pode ser lembrado.) O resumo de CHOU EN-LAI depois de sua recente viagem — "as perspectivas revolucionárias são excelentes em todo o Continente africano" — não soa mais suave nos ouvidos dêles do que nos dos antigos colonialistas, agora que estão no outro extremo.

Na África Oriental, os motins de janeiro último afetaram profundamente a visão dos três Primeiros-Ministros e seus colegas. Terreno recém-conquistado tremeu sob seus pés. Eles agora encaram os chineses com profunda suspeição. Mas, uma vez mais, precisamos nos acautelar contra a complacência. Os chineses são pelo menos tão capazes quanto outros de aprender com seus erros. Agora êles dispõem de embaixadas bem aparelhadas no campo cujos funcionários sugerirão linhas de aproximação baseadas num estudo de primeira mão das condições locais, e contatos com nacionais do lugar que podem arrastar para suas rêdes personagens de maior pêso e estabilidade do que até agora puderam atrair.

A estratégia geral do Ocidente, em seu combate ao comunismo da espécie russa ou da chinesa, baseia-se firmemente na bolsa de dinheiro. Uma torrente de auxílio ocidental está fluindo para a África. A França é de longe o maior distribuidor, e em 1962 forneceu cêrca de 254 milhões de libras, das quais possivelmente metade foi para a Argélia. Os Estados Unidos forneceram 183 milhões de libras, a Grã-Bretanha, 82 milhões, e a Alemanha Ocidental, 3 milhões e meio. Essas somas compreendem auxílio direto de país a país em empréstimos, doações puras e o envio de técnicos, ficando de parte o grande e crescente auxílio dado através de vários canais internacionais, tais como o Fundo de Assistência Técnica das Nações Unidas, o Banco Mundial, o Fundo de Desenvolvimento Europeu e organis-

mos quase caritativos como a Campanha da Liberdade da Fome (Estas somas representam apenas uma pequena proporção do auxílio total de nações mais ricas a nações mais pobres. No caso dos Estados Unidos, cêrca de 11 % da Alemanha, 3 %, foram para a África). Tudo isto, naturalmente, à parte do investimento privado, que está também fluindo em grande e crescente escala.

O auxílio russo e chinês ao "Terceiro Mundo" de países subdesenvolvidos é difícil de separar em compartimentos territoriais, e em sua maioria foi para a Ásia. Entre 1954 e 1962, a Rússia e a China, em conjunto, emprestaram ou deram 71 milhões de libras esterlinas ao Egito e 18 milhões de libras a Gana. (Isto foi o que, na realidade, êsses países obtiveram: prometeram-lhes, porém, muito mais, isto é, 197 milhões e 41 milhões de libras, respectivamente.) O maior empreendimento soviético na África é a gigantesca Reprêsa de Assuan e o projeto de irrigação que se diz capaz de aumentar de um terço a terra fértil do Egito, cuja conclusão talvez se efetue em 1970, devendo-se tudo ao capital, técnicos e equipamento russos.

Embora as nações ocidentais estejam constantemente sendo conclamadas a dar cada vez mais auxílio à África, há um limite para o que pode ser feito sem grandes desperdícios: limite não estabelecido pelas necessidades, mas pela disponibilidade de conhecimentos técnicos. Todos os países estão expandindo suas economias, não apenas aqueles do "Terceiro Mundo". Todos têm escassez de veterinários, químicos de solo, engenheiros, pesquisadores, bioquímicos, físicos, contabilistas, dietetas, bibliotecários, médicos, enfermeiras, tipógrafos, botânicos e profissionais. (Com exceção de atôres, escritores, artistas, historiadores e correlatos.) Acima de tudo, todos têm escassez de professôres. Em sua maioria, os governos africanos estão desejosos de empregar estrangeiros, mas êstes são do mesmo modo necessários em seus países. Aqui, a propósito, reside um dos pontos mais fracos da China. Ela própria se acha na mesma situação. E quando chegamos à questão do ensino, a barreira da língua parece intransponível — embora nisso, mais uma vez, devamos nos acautelar contra a complacência. Há técnicas modernas para rápido aprendizado de línguas que

são revolucionárias e ainda experimentais; e a Rússia é pioneira a êsse respeito. Os russos possuem técnicos disponíveis.

Nem os governos nem os investidores privados aplicam grandes somas em projetos a longo prazo sem uma perspectiva de estabilidade. Nisso, segundo os comunistas, se encontra o calcanhar de AQUILES do Ocidente. Para afastar o auxílio ocidental eles têm apenas que ameaçar essa estabilidade, que, em qualquer caso, não é lá muito segura. Para êsse fim a guerra de guerrilhas é o melhor instrumento. Quem é que vai investir no Congo cheio de errantes bandos juvenis, embora apenas armados de arco e flecha? (Um derrubou um helicóptero.) O primeiro objetivo dos fidelistas de CASTRO, escreve ROBERT TABER ("Techniques of the Guerrilla Fighter", ROBERT TABER, *Revolution*, Paris, outubro de 1963), foi criar "o clima de colapso em que o regime batista, crivado de corrupção e extremamente dependente de créditos exteriores, se desintegraria". Acrescenta:

"O primeiro objetivo da força rebelde deve ser solapar a confiança dos investidores estrangeiros, e da comunidade comercial interna, na capacidade dos militares de manterem a ordem, preservar um empreendimento comercial viável e lucrativo. Uma força de guerrilheiros faz isso, para começar, simplesmente pelo fato de existir".

Isto foi escrito a respeito de Cuba, mas estamos vendo o princípio aplicado agora no Congo e Angola, e sem dúvida, sem demorar muito, o veremos estendido mais para o sul. Em 1957 CASTRO começou sua conquista de Cuba com não mais de uma centena de homens, em sua maioria armados de revólveres, pistolas ou absolutamente sem nenhuma arma. Destruíram a confiança, conquistaram alguns camponeses, aterrorizaram o resto e, no devido tempo, a ilha era deles.

São os dirigentes africanos dos novos Estados não-alinhados que devem estar bem alerta para êsses perigos. Alguns estão. Daí o Estado unipartidário, daí os guarda-costas, arame farpado e cães treinados, daí os planos para a formação de exércitos africanos e pactos de defesa, daí, na realidade, a Organização da Unidade Africana. Sentin-

do-se ameaçados, os líderes instintivamente tentam proteger-se num nôvo acampamento. Primeiro o inimigo era o imperialismo; depois o neocolonialismo; agora, êles estão discernindo, ainda nem sempre claramente, a forma do nôvo inimigo: a desilusão, a frustração, a pobreza e a falta de finalidade de sua própria juventude, sempre que possível difundidas e exploradas pelos comunistas. A brecha crescente entre os ricos e os pobres: entre as 4 mil libras por ano de um ministro com seu grande carro e suculentos bifés e passagens aéreas de primeira classe e conhaques licorosos, e seu primo no mato, com sua casa de barro batido cheia de goteiras, suas sêcas espigas de milho, sua vaca magricela apascentada por filhos cujas mensalidades escolares êle não pode pagar — em tôda parte êsse contraste, continuamente piorado por uma população crescente, se está tornando ao mesmo tempo mais agudo e mais ressentido.

Mesmo a estabilidade e o progresso pacífico da Nigéria estão ameaçados pelo aterrador aumento populacional, pela crescente brecha entre o rico e o pobre, pela libertação do rico de qualquer escrúpulo de consciência, e pela prevalência da corrupção e — na palavra de TANGANICA — “confraria”. Muitos africanos mais jovens se sentem cada vez mais envergonhados e desgostosos com uma auto-indulgência e venalidade que êles são incapazes, por motivos que remontam a seu próprio passado — no sistema familiar todo poderoso da África — de extirpar. O puritano, veia desinteressada na doutrina marxista, e especialmente na versão chinesa, pode provar ser uma figura no baralho comunista.

Assim êles ficam, os líderes do regime “de compromisso, reformista”, entre duas fôrças: de um lado, o dragão e o urso, competindo por favores; do outro, a Europa montada numa bôlsa de dinheiro. No momento, a vantagem parece estar com a Europa, alimentada pelo hábito, linguagem, familiaridade e experiência, e firmemente sentada em sua bôlsa de ouro. Em, digamos, quatro ou cinco anos — um número arbitrário — as coisas podem mover-se na outra direção. Estudantes estarão retornando aos milhares, alguns, pelo menos, bem doutrinados; grandes exércitos guerrilheiros dispostos no campo; a propaganda fortaleci-

da; a experiência conquistada; os adolescentes estarão beneficiando-se de escolas e colégio em tais números que é difícil ver qualquer futuro para a maioria dêles senão o subemprego e o descontentamento. Muito dependerá, como sempre, de fatores externos; do desenvolvimento de relações entre a China e a Rússia, de um lado, e entre os blocos oriental e ocidental, do outro; da situação na Ásia; do progresso tecnológico; do sucesso ou fracasso das políticas destinadas a encontrar emprego útil para a juventude da África; de medidas para estabilizar a população e substituir dilaceradas lealdades e disciplinas tribais por novas que satisfarão o corpo, o espírito e o coração.

A revolução social na África está longe de completar-se. Suas fases futuras podem ser, mesmo que não precisem ser, mais perigosas, violentas e sanguinolentas do que qualquer coisa que já vimos. Os países ocidentais não se podem dar ao luxo de planejar e trabalhar isolados e com finalidades atravessadas. Em tôda a era colonial, foi o que fizeram, e isso enfraqueceu seus esforços, confundiu seus propósitos e apressou seus fins como potências coloniais. Deixou aos africanos um espinhoso legado de fronteiras sem sentido, dificuldades de linguagem, transporte mal planejado, desenvolvimento descoordenado e rivalidades tribais. Nesta enganosa, delicada e complicada era pós-colonial, êles não podem suportar tal confusão, tal esforço competitivo. Se a Europa falhar, ou deixar cair a bolsa de dinheiro, o dragão e o urso terão sua oportunidade. Naturalmente, êles podem malograr. Mas não é prudente contar com a vitória resultante dos erros de outro homem.